



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**SOLIDARIEDADE ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO
FUNDAMENTAL A PARTIR DE DILEMAS MORAIS**

Yara Rodrigues Carvalho dos Santos

Brasília, 2015

Yara Rodrigues Carvalho dos Santos

**SOLIDARIEDADE ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO
FUNDAMENTAL A PARTIR DE DILEMAS MORAIS**

Trabalho Final de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção
do título de Licenciado em Pedagogia, sob a
orientação da professora Dra. Claudia
Márcia Lyra Pato.

Brasília, 2015

TERMO DE APROVAÇÃO

Monografia de autoria de Yara Rodrigues Carvalho dos Santos, intitulada “Solidariedade entre estudantes de ensino fundamental a partir de dilemas morais”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em 11 de Dezembro de 2015, defendida perante a banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Claudia Marcia Lyra Pato – Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Doutora Claudia Valéria de Assis Dansa – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Doutora Fabrícia Teixeira Borges – Examinadora
Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília

Professora Doutora Rosangela Azevedo Correa – Suplente
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

*Aos meus pais e padrasto, ao meu marido e
à minha família.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu Deus que com seu infinito amor e misericórdia, me permitiu chegar até aqui e, agradeço também antecipadamente tudo o que está por vir, pois creio que Ele já preparou tudo.

Dedico meus agradecimentos à minha tão amável mãe, Carmina, pelo esforço e amor com que me educou e me fez ser quem sou hoje. Todas as minhas conquistas são dedicadas a ela por amor e gratidão. Dedico e agradeço também ao meu querido pai Fernando e ao meu padrasto Marcílio por toda a dedicação e apoio que me ofereceram e tenho certeza que posso contar por toda a vida.

Agradeço aos meus irmãos que eu tanto amo, Yago, Tiago e Fernanda. Vocês tornaram a minha caminhada muito mais feliz, sou grata por tê-los ao meu lado.

Agradeço ao meu amado Diego, que compartilhou e vivenciou toda essa graduação ao meu lado. Obrigada por estar no meu caminho, contigo me sinto segura para prosseguir.

Não poderia deixar de agradecer aos meus padrinhos Humberto e Leticia Pantoja, que confiaram e acreditaram na minha determinação, me tornando uma pessoa muito mais confiante. Tenho certeza que sem vocês eu não estaria concluindo essa etapa da minha vida, por isso também dedico a vocês esse trabalho. Muito obrigada.

Agradeço com muito carinho algumas amigas que construí durante esta graduação, em especial às minhas amigas Nathália e Raissa que estiveram comigo nos primeiros momentos e à Cecille Gabrielle e Anny que estiveram do meu lado nos últimos semestres, me apoiando e me encorajando.

Faço um agradecimento especial à minha querida orientadora Claudia Pato. Obrigada por sua atenção e dedicação, e parabéns por ser essa professora tão admirável. Agradeço também a cada membro da banca que carinhosamente se dispuseram a contribuir e avaliar esse trabalho.

*“Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se
pôs a caminhar.”*

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar a construção da solidariedade em estudantes do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública de Planaltina, no Distrito Federal, a partir de dilemas morais elaborados com base no cotidiano escolar. Participaram 20 estudantes entre 6 e 7 anos de idade, dos quais 11 eram meninas e 9 eram meninos, com autorização da escola. Os estudantes foram voluntários e a eles foi assegurado o sigilo e o anonimato. Foram utilizados três dilemas morais que abordavam situações com estudantes na mesma faixa etária dos participantes, confrontando-se interesses e obediência à autoridade, representada pela professora. Após a leitura dos dilemas em forma de histórias para cada participante individualmente, os mesmos deveriam fazer um julgamento procurando se colocar no lugar do estudante representado pelo dilema e manifestar sua decisão. O que deveriam fazer? Implícita estava a ideia do egocentrismo x a solidariedade com o colega. Os resultados revelaram que os estudantes possivelmente encontram-se em fases distintas do desenvolvimento moral. Três grupos foram observados. Um individualista e egocêntrico, um solidário, porém obediente à autoridade e um terceiro solidário, independente da autoridade. Esses achados corroboram as teorias de Piaget e Kohlberg sobre o desenvolvimento moral e sugerem que a professora e a escola como um todo devem fomentar e promover situações de aprendizagem que enfatizem a solidariedade, bem como outros valores como respeito e cooperação, entre outros, compatíveis com a vida em uma sociedade. Espera-se, assim, contribuir para a continuidade do desenvolvimento moral desses estudantes e para a construção de um mundo mais justo e solidário.

Palavras-chave: Solidariedade, dilemas morais, formação de valores humanos, desenvolvimento moral, estudantes de ensino fundamental.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the building solidarity among students of the first grade of elementary school to a public school in Planaltina, in the Federal District, from moral dilemmas drawn up based on the school routine. Attended by 20 students between 6 and 7 years old, of which 11 were girls and 9 were boys, with school authorization. Students were volunteers and they were assured confidentiality and anonymity. Three moral dilemmas were used that addressed situations with students in the same age range of participants, clashing interests and obedience to authority, represented by the teacher. After reading the dilemmas in the form of stories for each participant individually, they should make a judgment seeking to put in place the student represented by the dilemma and express your decision. What should do? Implicit was the idea of self-centeredness x solidarity with fellow. The results revealed that students are potentially at different stages of moral development. Three groups were observed. An individualistic and self-centered, a sympathetic but obedient to authority and a third supportive, independent authority. These findings corroborate the theories of Piaget and Kohlberg on moral development and suggest that the teacher and the school as a whole should encourage and promote learning situations that emphasize solidarity, and other values such as respect and cooperation, among others compatible with the life in a society. It is hoped thus to contribute to the continuity of the moral development of these students and to build a more just and united world.

Keywords: Solidarity, moral dilemmas, training of human values , moral development, elementary school students.

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
Aprendendo a caminhar... ..	12
INTRODUÇÃO	17
1. DESENVOLVIMENTO MORAL	20
1.1. Piaget e o desenvolvimento moral	20
1.2. Kohlberg e o desenvolvimento moral	23
1.3. Um estudo da moral, na prática.....	25
Objetivos da Pesquisa	27
Objetivo Geral	27
Objetivos Específicos	27
2. METODOLOGIA	28
2.1. O Contexto da pesquisa.....	28
2.2. Participantes	28
2.3. Dilemas Morais	29
2.3.1. Dilema de Marcos:	29
2.3.2. Dilema de Mariana – Primeira parte:	29
2.3.3. Dilema de Mariana – Segunda parte:	30
2.4. Procedimentos	30
2.5. Análise dos dados.....	30
3. COMPREENDENDO A MORAL NAS ESCOLHAS DAS CRIANÇAS	33
3.1. O que nos mostra o dilema de Marcos?	33
3.2. O que nos aponta o dilema de Mariana?	35
3.3. Entrelaçando informações	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
Retocando o sonho.	41
Apêndice 1	42
Dilema de Marcos:.....	42
Respostas das crianças ao Dilema de Marcos:	42
Apêndice 2	44
Dilema de Mariana – Primeira parte:.....	44

Respostas das crianças ao dilema de Mariana- primeira parte:.....	44
Dilema de Mariana – Segunda parte:.....	45
Respostas das crianças ao dilema de Mariana- segunda parte:	45
ANEXO 1 - Carta de Apresentação Apresentada na Escola.....	47
ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	48

APRESENTAÇÃO

Este trabalho faz parte de um dos requisitos para a conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sendo resultado da trajetória de graduação da autora. O tema desenvolvido emergiu a partir de observações realizadas em turmas de Ensino Fundamental sobre alguns julgamentos de valores que os estudantes faziam a respeito de algumas situações que aconteciam no ambiente escolar.

O presente trabalho está dividido em três partes, conforme institui as Diretrizes do Projeto 5 – TCC, do Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. A primeira parte apresenta o Memorial educativo, que conta a história da pesquisadora, e nele estão destacadas as partes consideradas como as mais importantes. O memorial é construído por recortes da sua trajetória familiar e escolar, até a realização desse trabalho.

Na segunda parte, a Monografia abrange a introdução, a revisão de literatura sobre o tema, os objetivos, a metodologia contendo a exposição dos procedimentos empíricos realizados, os resultados e análises obtidos e, por último, as considerações finais.

Na terceira e última parte são apresentadas ao leitor as perspectivas futuras da pesquisadora após a conclusão da graduação em pedagogia, suas aspirações e sonhos para a continuação de seu processo educativo.

PARTE I–MEMORIAL EDUCATIVO

Aprendendo a caminhar...

Chamo-me Yara, nasci no dia 14 de agosto do ano de 1993 na cidade de Sobradinho-DF no início de uma manhã de sábado, depois da intervenção de enfermeiras que aconselharam a minha mãe esperar aquele dia, sexta feira 13, terminar devido às superstições que não são boas quanto a esse dia.

Quando nasci, já tinha um irmãozinho mais velho que tinha apenas um ano e quatro meses. Dois anos depois do meu nascimento nasceu o meu segundo irmão. Logo após, meus pais se separaram, quando eu tinha dois anos e meio de idade e, ficamos morando com minha mãe, que por sinal, foi uma guerreira. Alguns anos se passaram e minha mãe se casou com o meu atual padrasto, isso aconteceu quando eu tinha sete anos e me lembro, como se fosse ontem, do casamento, que Graças a Deus deu muito certo. Mais uns anos se passaram e meu pai também se casou novamente e desse casamento nasceu a minha meia irmã caçula.

O início da minha vida escolar foi aos cinco anos na educação infantil, em uma escolinha próximo à minha casa, na cidade de Sobradinho-DF, onde morei desde o meu nascimento. Em seguida fui para outra escolinha cursar a primeira série, e um momento nessa escola ficou eternizado em minha mente: quando fui impedida pela professora de ir ao recreio, pois não conseguia fazer com perfeição a letra cursiva “F”. Fiquei envergonhada naquele momento, pois todos sabiam por que eu estava ali, repetindo aquela letrinha tão estranha por várias vezes no caderno de caligrafia.

Passado o trauma da letra F, eu e minha família mudamos de cidade e fui matriculada em uma escola que está no meu coração até hoje, que se encontra na cidade de Planaltina-DF, onde estudei da 1ª à 4ª série. A escola era pertinho de casa e me propiciou estudar com as crianças que também eram vizinhas, e foram construídas amizades que duram até os dias de hoje. Além de conquistar grandes amigos conheci também professores apaixonados pela profissão, que marcaram a minha trajetória escolar e, anos depois, me influenciariam indiretamente a escolher a minha futura profissão.

O segundo momento do Ensino Fundamental foi bem conturbado e com poucas lembranças, pois passamos por algumas mudanças de cidades e estados, até o ingresso na 7ª série, quando voltamos para a mesma casa em que morávamos em Planaltina-DF. Não tem como esquecer esse momento, pois no bairro próximo à minha casa existia uma escola de Ensino Médio que qualquer umque, como eu, olhasse diria tratar-se de uma escola particular, por sua beleza e estrutura diferenciada das escolas públicas do Distrito Federal; mas para a minha surpresa se tratava sim, de uma escola pública que, naquele ano, passou a atender o Ensino Fundamental, o que me propiciou estudar lá até o fim do Ensino Médio.

A minha trajetória no Ensino Médio foi marcada por momentos de muita diversão, mas regados de estudos também. Considerava-me uma aluna dedicada, sempre sentei no famoso “fundão”, mas ao contrário dos outros, eu sabia o momento de brincar, e o momento de estudar; por isso obtinha boas notas. Conhecer professores dedicados e que estão na profissão por amor e não por dinheiro também me ajudou na escolha do curso, pois sabemos que o salário não é o que atrai as pessoas a escolherem a licenciatura como profissão, e sim a paixão pela mesma.

Nesse mesmo tempo, fui agraciada com a ajuda de uma família, os patrões da minha mãe, que apostaram no meu futuro e me ajudaram a chegar até aqui. Recordo que não encontrei apoio e orientação na escola onde estudava quanto à orientação vocacional e informações sobre faculdades e, principalmente, sobre a Universidade de Brasília, aquela que mais deveriam dar destaque por ser uma universidade pública. Mas, graças a Deus, fui orientada por essa família que, além de apostar no meu futuro, investiu em um cursinho pré-vestibular. Para cursá-lo ainda enfrentei algumas dificuldades, como sair da escola ao meio-dia e ir direto para a parada de ônibus sem me alimentar direito, pois não dava tempo e, mesmo assim, chegava sempre com atrasos, pois da escola onde cursava o ensino médio até o cursinho eram cerca de quarenta quilômetros de distância.

Cursei, durante o primeiro semestre do terceiro ano, o cursinho pré-vestibular e já fiz a inscrição para prestar o meu primeiro vestibular para o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília. O curso de Pedagogia sempre foi a minha primeira opção, mas ainda me balançava com os cursos de Psicologia e o

de Medicina Veterinária. Aproveitei então para pesquisar sobre os três cursos e me identifiquei mais com a minha primeira opção desde o início. Então, prestei o vestibular e quase um mês depois saiu o resultado da minha aprovação, o que foi uma grande surpresa pra mim. Não conseguia acreditar que na minha primeira tentativa iria ter tal resultado, pois conheci pessoas no cursinho que estavam estudando durante muito tempo e não conseguiam a aprovação rápida; eu consegui graças ao meu esforço e dedicação aos estudos, não somente para o vestibular, mas também nos estudos do ensino médio, o que foi um fator decisivo para a escola me autorizar a fazer as provas para a conclusão do ensino médio e eu conseguir ingressar no nível superior.

A entrada na UnB, universidade conhecida há alguns meses, foi extremamente gratificante: era a realização de um sonho, não somente para mim, mas para toda a minha família. Desde o primeiro semestre me identifiquei com as disciplinas ministradas no curso, era exatamente o que eu esperava encontrar. Participei do Projeto 1, onde tive a oportunidade de conhecer a Universidade de Brasília melhor; o que foi muito importante, visto que são muitos os espaços de convivência durante a graduação comparados às escolas pelas quais estudamos durante o ensino fundamental e médio. Desde a minha aprovação, uma ex-aluna da UnB me disse que durante a minha graduação encontraria amigos de profissão que seriam meus companheiros por alguns anos e se tornariam amigos pra toda vida, e realmente é o que tem acontecido nesses anos, tenho amigas desde o primeiro semestre e com o passar de cada semestre construo novas amizades, não somente com alunos do curso de Pedagogia, mas com alguns de outras áreas e também com alguns queridos professores.

Nas minhas primeiras férias realizei mais um sonho: o meu casamento, que aconteceu no início do ano de 2011, quando eu tinha dezessete anos. Para me casar com essa idade, precisei ser emancipada pelos meus pais, o que não aconteceria caso eu não tivesse concluído o ensino médio e ingressado no ensino superior. Então iniciei o segundo semestre da graduação com mais responsabilidades e deveres, haja vista que não era mais apenas estudante, também passei a ser dona de casa e me sentia muito mais responsável. Neste semestre cursei o segundo projeto obrigatório do curso, que foi muito proveitoso, pois se tratava da apresentação das várias áreas em que o pedagogo pode atuar

como profissional. Gostei de praticamente todas, porém não me identifiquei com a Pedagogia Hospitalar e a Pedagogia Empresarial. Foi neste momento que decidi conhecer as outras facetas da Pedagogia através das disciplinas ofertadas, tais como Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, entre outras que cursei e que foram essenciais para minha formação como pedagoga. De todas as áreas, a que mais me chamou atenção foi a Educação Infantil, sendo ampliado o interesse, com a oportunidade de alguns estágios na área.

No terceiro semestre iniciei o meu primeiro estágio que durou apenas um semestre devido às longas horas de trabalho em uma escola de educação infantil com a metodologia construtivista. Acompanhei uma turma equivalente ao jardim II, onde as crianças estavam iniciando o processo de alfabetização; pude aprender pouco com o método, já que não o conhecia e, infelizmente, os estagiários naquela escola não tinham a oportunidade de acompanhar os alunos e o processo de ensino em si mas eram designados a realizar trabalhos como a limpeza da sala, do refeitório, acompanhar as crianças nas aulas extras de música, por exemplo. Não satisfeita com a forma de trabalho da escola pedi para sair do quadro de funcionários, o que foi muito bom, considerando que logo em seguida ingressei no segundo estágio, com características completamente diferentes da primeira escola.

O segundo estágio que realizei foi em uma escola que tem a proposta cognitiva-interacionista, onde se trabalha com um conceito, associando-o ao conhecimento da criança mediante a interação com o objeto do conhecimento, com a orientação e intervenção, se necessário, das professoras e auxiliares. O estágio durou em torno de dois anos e foi extremamente vantajoso, pois acompanhei durante todo o ano letivo, turmas do jardim II; e com o trabalho desenvolvido pela escola, as auxiliares e estagiarias tem a oportunidade de acompanhar diretamente todo o processo de aprendizagem dos alunos, assim como todas as atividades realizadas em sala. Essa foi uma das melhores experiências que tive durante a minha graduação, pois, por meio desse estágio, aprendi, na prática, o conhecimento teórico adquirido através do curso de Pedagogia. Além das importantes vivências em sala de aula com os alunos, também tive a honra de ser auxiliar da professora Alexandra Caetano, uma

excelente profissional, que, em sala de aula, leciona para os alunos e para todas as estagiárias que com ela tem a oportunidade de aprender a ser excelentes pedagogas.

Devido à obrigatoriedade de fazer os projetos 3 e 4 do curso de Pedagogia tive que sair do estágio não obrigatório, pois não teria tempo disponível para realizar o estágio em escolas públicas do Distrito Federal, exigido pelos projetos. Vivenciei mais uma experiência que julgo essencial para a minha formação acadêmica, tendo em vista que estagiei em uma escola pública onde estudei durante a minha infância, e onde ainda sonho trabalhar como pedagoga. No primeiro momento do estágio, tive um choque de realidades, visto que sai de uma escola localizada na área nobre de Brasília com alunos oriundos da classe alta, para uma escola da periferia de Planaltina-DF com alunos da classe média baixa e classe baixa.

Tenho a pretensão de trabalhar em escolas públicas, portanto, esse estágio foi de grande valia, pois pude enxergar a realidade das escolas públicas, que tanto se distinguem das que estagiei anteriormente. É perceptível a falta de recursos e o investimento entre a escola particular e a escola pública, mas, mesmo assim, as professoras se comprometem a alfabetizar e ensinar os alunos com os recursos que estão ao seu alcance. Portanto, me sinto segura e preparada para lecionar em turmas de educação Infantil e ensino fundamental I, a partir das minhas experiências e vivências nos estágios obrigatórios e não obrigatórios, assim como os conhecimentos teóricos que obtive no período de graduação.

Mesmo com ambientes diferentes entre as escolas públicas e particulares, percebi que o ensino de valores tem sua relevância em ambos os tipos de escolas. Foi a partir desse ponto que surgiu o meu interesse em fazer uma pesquisa voltada para essa área. Com algumas observações, escolhi o meu objetivo: analisar o julgamento das crianças através de dilemas morais.

PARTE II – TRABALHO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

Cotidianamente vivemos conflitos entre interesses pessoais, sociais, ambientais, e em várias dimensões onde é perceptível que as decisões são tomadas com base exclusiva nos interesses do próprio indivíduo. As pessoas não conseguem, muitas vezes, enxergar o outro em suas relações e tem pouca solidariedade, pelo menos é o que expressam.

A pobreza e a má distribuição das riquezas no Brasil, bem como os diversos casos de discriminação e preconceito, tanto com os menos favorecidos como com pessoas que são diferentes em raça, cor, gênero, religião, entre outros, nos dá a sensação de que vivemos em uma sociedade injusta. De acordo com Barros, Henriques & Mendonça (2000) o nosso país apresenta, nas últimas décadas, uma tendência de enorme desigualdade e elevados níveis de pobreza, fruto de uma herança de injustiça social que priva parte significativa da população de condições mínimas de dignidade e cidadania.

Entretanto todas as vezes que vivenciamos uma situação onde as pessoas, grupos ou comunidades precisam de ajuda, percebemos que há uma mobilização para ajudar. Recentemente acompanhamos, no Brasil, o caso da cidade de Mariana localizada em Minas Gerais (MG) a qual sofreu uma tragédia com o rompimento de uma barragem de dejetos de minério, que provocou uma enxurrada de lama deixando várias famílias desabrigadas e com pouca água disponível, sem contar a destruição do Rio Doce e dos ecossistemas marinhos das cercanias. A partir desse acontecimento é notório que muitas pessoas, em sua maioria desconhecidas dos que sofreram a tragédia, se tornaram solidárias com aquela comunidade que foi diretamente afetada, e estão se dedicando em ajudar as pessoas para que minimamente recuperem as suas condições de vida. A sensibilização está acontecendo não apenas voltada para as pessoas, mas também aos animais e todo o ecossistema que está sendo afetado por essa tragédia.

Se, de um lado parece ser crescente a violência e o individualismo exacerbado, de outro lado também temos experiências de esperança,

solidariedade, colaboração e dedicação ao outro. Dessa forma, há que se considerar que as pessoas possuem um sistema de valores, que permite que elas tomem suas decisões e se coloquem negativa ou positivamente frente a determinadas situações, conforme Schwartz (2005).

Nesse sentido Piaget (citado por Duska; Whelan, 1994) considera em seus estudos, que a moral é como um sistema de regras construído no indivíduo a partir das suas interações com o meio físico e social que permite a construção desta. Logo, permite-nos pensar que as crianças nascem com ausência total de regras. Como exemplo, podemos observar que um bebê, logo nos primeiros minutos de vida fora do útero materno, aprende a respirar utilizando os pulmões e as vias respiratórias que antes não eram utilizadas por ele; embora já existisse dentro do útero a respiração, tal qual ocorre, não era necessária para o bebê; por sua vez, fora do útero materno, o meio impõe a respiração que é realizada pelo bebê criando, assim, uma regra de sobrevivência.

Do mesmo modo a solidariedade faz parte potencialmente do indivíduo mas precisa ser aprendida não sendo imposta de fora pra dentro pelos adultos, ou pela sociedade. Piaget (citado por Duska; Whelan, 1994) defende que para a criança se desenvolver moralmente, ela precisa ser desafiada e ter a oportunidade de expressar isso, caso contrário, as crianças não irão aprender. Ninguém se torna solidário porque a sociedade mandou ser solidário. As pessoas vão aprendendo a ser solidárias pelas interações nos meios sociais.

Consideramos que a solidariedade é construída socialmente pelas interações sociais dos indivíduos, logo, é importante que a escola como espaço de socialização da criança e como corresponsável pela formação das crianças junto a outras instituições sociais, como a família, por exemplo, assuma a responsabilidade de não se restringir apenas a ensinar a ler e escrever ou a executar as operações matemáticas, mas ter clara a intencionalidade de formar cidadãos. É fundamental que os espaços educativos e os educadores se conscientizem da importância de formarem indivíduos solidários, assim as crianças aprenderão a conviver socialmente com os outros. .

Se a criança, segundo Piaget (1931; citado por Duska; Whelan, 1994) tem naturalmente seu ego centrado, ou seja, está olhando só para si mesma, em função de que ela ainda está em um processo de formação e desenvolvimento

moral, como se estimula a solidariedade nessas crianças, para elas se tornarem jovens e adultos solidários?

Consideramos uma possibilidade o trabalho realizado por meio de dilemas morais em que a criança seja provocada a refletir sobre compartilhar suas coisas, seus objetos ou abrir mão dos seus desejos em favor do outro. Os dilemas morais se caracterizam por exposições de situações conflitantes que colocam a criança a refletir sobre suas possíveis ações, assim podemos perceber o quanto as crianças estão abertas a serem solidárias, ou, se ainda não conseguem enxergar os desejos do outro, demonstrando estarem na fase do egocentrismo. Se a criança tiver a oportunidade de se expressar e for incentivada, a solidariedade pode ser construída; nesse contexto, o ambiente escolar e da sala de aula pode ser muito propício, pois acreditamos que a criança que se encontra na fase do egocentrismo, ao ter contato com a sensibilidade solidária de outra criança, pode refletir e começar a enxergar o outro.

Será que as escolas situadas em uma sociedade que tende a ser egoísta estão estimulando a criança para que se desenvolva e supere a fase do egocentrismo, se tornando mais sensível a enxergar e ser solidária, se relacionando de forma justa com o outro? Nesse sentido e considerando a importância destes aspectos na educação e desenvolvimento das crianças, sendo solidárias com seus semelhantes, seja na família, na escola, na igreja, ou na sociedade como um todo, objetivamos, por meio desta pesquisa analisar a construção da solidariedade em estudantes de uma escola pública do DF a partir de dilemas morais.

CAPÍTULO 1

1. DESENVOLVIMENTO MORAL

O presente capítulo trata das ideias abordadas por Duska e Whelan (1994) que tratam das concepções acerca do desenvolvimento moral da criança. Para tanto, os autores elegeram dois psicólogos do desenvolvimento moral – Jean Piaget e Lawrence Kohlberg – para subsidiar as discussões do trabalho, cujo objetivo é compreender o processo evolutivo no juízo moral, priorizando a perspectiva construtivista e a perspectiva sociocultural, enfatizando autores que trabalham no enfoque de Vygotsky, que aborda a questão das crenças e práticas culturais como uma construção mediada pelo outro. Ao final, é feita menção a um trabalho que guiou, imensamente, o olhar teórico desta monografia: o trabalho das pesquisadoras Luciene Tognetta e Orly Assis que analisaram se crianças advindas de tipos de relações diferentes teriam também julgamentos de solidariedade divergentes (Tognetta; Assis, 2006).

1.1. Piaget e o desenvolvimento moral

Jean Piaget nasceu em 9 de agosto de 1896 na Suíça e, faleceu em Genebra em 17 de setembro de 1980. Aos 10 anos publicou o seu primeiro artigo para um jornal científico; o seu conhecimento o levou a enxergar o desenvolvimento cognitivo de uma criança como sendo uma evolução gradativa. Em 1921 descobriu, em uma de suas pesquisas no Instituto Jean-Jacques Rousseau dirigido por ele, que o aprendizado é um processo gradual, pelo qual a criança vai se capacitando, alcançando níveis mais avançados de desenvolvimento, seguindo uma sequência lógica. Em 1923 Piaget se casou e ao longo de sua vida teve três filhas. Com o nascimento de sua primeira filha, Piaget passou a observar crianças, em vários contextos, tais como escolas e parques iniciando a realização de pesquisas empíricas, com suas próprias filhas.

Desenvolveu, então, o método clínico Piagetiano, onde pressupõe que os seres humanos passam por uma série de mudanças às quais nomeou como estágios do desenvolvimento. Estes estágios são caracterizados por Piaget pelas

diferentes formas de o indivíduo interagir com a realidade, o modo em que é organizado o conhecimento, pensando em sua adaptação à sociedade em que se encontra. Piaget mostrou que a criança se desenvolve a partir de interações com o mundo em que vive, e que o aprendizado faz parte de um processo vivido pela criança. Para descrever o processo de aprendizagem, Piaget elaborou a teoria do desenvolvimento intelectual por estágios.

Piaget divide em quatro períodos ou estágios o processo de desenvolvimento cognitivo da criança; o primeiro período chamou de sensório-motor que ocorre de 0 a 2 anos, onde o conhecimento da criança é baseado nos sentidos e habilidades motoras que ela tem, de acordo com a idade. O segundo período é o pré-operacional, de 2 a 7 anos, quando a criança começa a se relacionar por meio de sua perspectiva individual, através de símbolos, palavras e números. O terceiro, ele denomina como operatório-concreto, que ocorre nas idades de 7 a 11 ou 12 anos, quando se inicia a aplicação de operações lógicas e experiências centradas no agora. O último período chama-se operatório formal acontecendo dos 11 ou 12 anos em diante, onde se caracteriza a adolescência, com pensamentos abstratos, especulação sobre situações hipotéticas e o raciocínio dedutivo.

Nos estudos realizados com suas filhas, Piaget (1994) considerou que as pessoas nascem com total ausência de regras, e que, por meio das interações realizadas com o meio social e físico, se constroem o sistema de regras; o que pode ser comparado com a construção da moral. Piaget (1994, p. 298) acredita que “toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda moralidade é buscada no respeito que o indivíduo nutre por estas regras”. Para estudar o desenvolvimento da moralidade e a questão crucial, de como se consegue o respeito às regras, Piaget (1996) buscou por meio de jogos, conhecidos por crianças de várias idades, o grau de consciência, isto é, em que grau as regras funcionam como freios, e como se desenvolve o respeito à prática das regras.

O autor escolheu o jogo de bolinhas de gude para estudar o grau de correspondência entre a consciência e o respeito às regras e a prática das mesmas. O jogo de bolinha de gudes, como outras brincadeiras, raramente são ensinados, formalmente, como devem ser jogados, pois suas regras são passadas dos mais velhos para os mais novos, sem exigências de punição ao

seu descumprimento. Piaget, observando meninos de idades diferentes jogando este jogo, perguntou aos jogadores quais eram as regras do jogo e, se poderiam sofrer alterações. O autor teve por objetivo identificar se a criança acreditava numa heteronomia, onde as regras são vistas, por ela como sagradas, sendo impossível a mudança das mesmas; ou se estava consciente da autonomia, onde acredita que as regras podem sofrer alterações segundo o acordo estabelecido pelos jogadores.

A partir dessas pesquisas, Piaget foi caracterizando cada estágio. O primeiro deles, nomeado por sensório-motor, tem o egocentrismo como principal característica; até os dois anos de idade o sujeito não é capaz de reconhecer o ponto de vista do outro e simplesmente joga sem obedecer ou ter consciência das regras que regem o jogo, que por sua vez, não passa de uma atividade motora. No segundo estágio, que vai dos dois aos sete anos de idade, a criança já está consciente que existem regras que coordenam o jogo; porém a prática das regras é considerada por Piaget como cópia daquilo que foi observado nos jogos das pessoas mais velhas. Para o sujeito do segundo estágio, a prática do jogo não é uma atividade social, o seu interesse está em desenvolver uma capacidade ao jogar com os demais. Nesse estágio a criança ainda não tem a estrutura cognitiva para aplicar as regras se não for por meio da imitação, pode-se ver a obediência heterônoma, onde a criança se sente na obrigação de obedecer às regras, assim a obediência heterônoma rege as suas ações.

Entre os sete e os dez anos, no terceiro estágio, as crianças reconhecem as regras como essenciais para o jogo como atividade social, elas atentam para todos os jogadores e para as suas jogadas, observando se estão respeitando as regras estabelecidas. Pode-se perceber o forte desejo de conhecer todas as regras e jogar com respeito às mesmas. É provável que se houver alguma falta de respeito à regra, esta ocorre por falta de conhecimento da mesma. Nos anos finais do estágio, é perceptível que por meio do jogo em conjunto e da maturidade cognitiva, a criança passa da heteronomia para a autonomia, onde a regra é vista como um consenso dos participantes e não mais como um ritual ditado por uma autoridade. Nesse período, pode-se observar que os jogadores modificam as regras e as adaptam de acordo com os interesses e necessidades de cada criança, haja vista que a criança percebeu que tem a liberdade para tal.

No último estágio, a partir dos onze ou doze anos, os adolescentes, com o raciocínio abstrato desenvolvido, se interessam pelas regras em si, e muitas das vezes, passam mais tempo criando novas regras para o jogo do que propriamente jogando. É nesse estágio onde encontramos a relação entre a consciência das regras e a sua prática. O respeito pelas regras é desenvolvido quando se chega ao estágio de cooperação e a heteronomia não é muito perceptível. A obediência e o conhecimento das regras aparecem com o aumento da autonomia.

1.2. Kohlberg e o desenvolvimento moral

Seguindo Piaget, o psicólogo Lawrence Kohlberg (1927 – 1987) dedicou-se a estudar o desenvolvimento moral ampliando e completando o modelo piagetiano. Realizou estudos acerca do tema por meio de dilemas morais, e assim como Piaget, utilizou o método clínico nas entrevistas com os indivíduos envolvidos na pesquisa. Kohlberg escolheu um grupo de cinquenta americanos, do sexo masculino, com idades entre dezoito e vinte e oito anos para realizar entrevistas a cada triênio, por um período de dezoito anos. A entrevista consistia na apresentação de uma situação de dilema moral, com perguntas formuladas referentes ao dilema apresentado, com o intuito de descobrir a razão que o sujeito tinha como base para dar uma solução ao caso.

Observamos que a principal característica da pesquisa de Kohlberg está na atenção que ele dava às razões que levaram o sujeito a justificar a sua ação, pois surgem diferenças significativas na percepção moral das razões que levaram o sujeito a praticar tal ação, ainda que o comportamento externo seja o mesmo. Enquanto uma pessoa diz que enganar é errado por correr o risco de ser descoberto, outra pessoa pode descrever este fato como errado, por diminuir a confiança necessária em convívios sociais. É perceptível, nesses dois casos, a diferença de maturidade nas razões dada para o mesmo caso.

Para investigar as diferentes razões dadas pelos entrevistados, Kohlberg (1992) idealizou histórias envolvendo uma ou mais pessoas num dilema moral, com o objetivo de determinar razões que levariam o entrevistado a praticar uma determinada ação popular, criado por Kohlberg, conhecido por “O dilema de Heinz”, apresentado abaixo por BEE (1984):

Na Europa, uma mulher estava para morrer por causa de um tipo especial de câncer. Segundo os médicos, havia um remédio que poderia salvá-la. Era uma fórmula de radium descoberta recentemente por um farmacêutico da mesma cidade. O remédio era caro devido à sua preparação, mas o farmacêutico o vendia dez vezes mais caro que o preço de custo. Para prepara-lo, ele havia gasto duzentos dólares e vendia por dois mil dólares a dose. Heinz, esposo dessa senhora doente, pediu dinheiro emprestado, mas só conseguiu mil dólares, a metade do preço do remédio. Perguntou, então, se, por estar sua mulher morrendo, poderia o farmacêutico vender-lhe um pouco mais barato ou então permitir que lhe pagasse mais tarde. Mas o negociante lhe disse: “Não, eu descobri o remédio e quero ganhar dinheiro com ele”. Então Heinz ficou furioso, entrou na farmácia do homem, à noite, e roubou o remédio para sua esposa (BEE, 1984, p. 103).

Após a apresentação do dilema de Heinz, algumas questões eram realizadas a fim de perceber quais eram as razões pelas quais os pesquisados davam uma solução ao caso, tais como: Deveria Heinz roubar o remédio? Por quê? O que é pior: deixar morrer ou roubar? O que significa, para você, o valor da vida? O esposo tem razão em roubar se não amar sua mulher? Roubar para um desconhecido e para a própria esposa, seria a mesma coisa? Por quê? Se Heinz fosse pego e processado, o juiz deveria condená-lo? Por quê? Neste caso, qual é a responsabilidade do juiz perante a sociedade?

Para catalogar as diversas respostas sobre os dilemas, Kohlberg estudou sistemas de classificação para indicar qual estágio ou nível de desenvolvimento moral foi atingido pelo entrevistado. Assim, Kohlberg (1992) destaca que é importante considerar todas as respostas e analisar todas as séries de dilemas para classificar o estágio moral em que o entrevistado se encontra.

Por meio de seus estudos, Kohlberg (1992) identificou seis estágios, onde a cada dois determina-se um nível, de modo que os estágios morais dos sujeitos são representados por três níveis de julgamento moral, a saber: “pré-convencional”, “convencional” e “pós-convencional”.

No nível pré-convencional os jovens estão atentos às normas culturais, mas a interpretação é realizada com base nas consequências físicas da ação, como exemplo, a punição e a recompensa. No primeiro estágio desse nível, o que determina a ação do indivíduo são as consequências, logo a obediência ocorre para evitar a punição. As relações de honestidade, reciprocidade e partilha,

acontecem no estágio 2, quando a finalidade é a de satisfazer primeiro as suas necessidades e, ocasionalmente as dos outros.

Para o nível convencional a atitude do indivíduo está ligada ao interesse de identificar-se com as pessoas ou grupos, mantendo a ordem instituída. No estágio 3, o comportamento desse indivíduo é julgado com base nas intenções que ele tem como razão para a tomada de decisões. No estágio 4, a orientação é a de obediência às regras, diferente do estágio anterior, a “boa intenção” não é mais importante. O comportamento aprovado está no cumprimento das regras a fim de mostrar respeito pela autoridade.

O nível pós-convencional é também chamado autônomo ou de princípio. Nele é perceptível o esforço do indivíduo em definir os valores morais e princípios que têm validade. Dentro desse nível, o estágio 5 define a legalidade como obrigatória na definição do justo que é constituída por meio do acordo livre dos indivíduos. Como exemplo, está a moralidade do governo e da constituição dos Estados Unidos. No sexto e último estágio, o justo é definido por meio da decisão da consciência, de acordo com os princípios desta, caracterizados como abstratos e éticos.

Todavia, enfatizamos as qualidades dos estágios morais descritas pelo próprio Kohlberg. Uma delas ressalta que o desenvolvimento moral é um crescimento e acontece por meio de uma sequência, como todo conhecimento, pois deve progredir por meio dos estágios na ordem predeterminada. Sendo assim, o sujeito não pode compreender as razões do raciocínio moral tidas por um sujeito que se encontra em um estágio posterior ao dele.

Por outro lado, a pessoa que se encontra no estágio 2 é atraída pelo estágio 3, sendo levados a raciocinar segundo um nível superior ao seu nível predominante. Em seguida acontece o movimento de um estágio para o outro mais avançado, pois a perspectiva cognitiva do sujeito não é mais capaz de enfrentar um dado dilema moral.

1.3. Um estudo da moral, na prática.

Um estudo de Tognetta e Assis (2006) inspirou esta monografia. A partir do debate de como as pessoas poderiam construir a solidariedade, a pesquisa

aponta a cooperação como estratégia de conceber a construção de virtudes para a formação de crianças autônomas e mais solidárias.

As autoras analisaram de forma comparativa, os julgamentos de crianças na faixa etária de 6 e 7 anos de ambos os sexos, provenientes de tipos de ambientes diferentes. O primeiro, titulado como ambiente A, era caracterizado por suas relações autoritárias, contrário ao ambiente B, que mantinha relações de cooperação. O objetivo era verificar se crianças advindas de tipos de relações diferentes teriam também julgamentos da solidariedade divergentes. Importante destacar que as crianças do ambiente B participavam de um projeto de formação construtivista, voltado para o desenvolvimento moral, entre outros.

Para investigarem as estruturas cognitivas e morais das crianças, realizaram as provas de diagnóstico do comportamento operário de Jean Piaget. Realizaram também observações interpessoais e a proposição de dilemas morais, divididos em dois blocos, com o objetivo de analisar o julgamento da solidariedade entre pares e na presença da autoridade.

Os resultados da pesquisa demonstraram que a disposição para a solidariedade foi clara no ambiente B, enquanto no ambiente A havia uma pequena parcela das respostas das crianças que se apresentavam mais solidários. Tais resultados sugerem que quando há estímulos, oportunidades e desafios para o desenvolvimento moral e a construção de valores mais sociais, como cooperação e solidariedade, as crianças avançam nesse processo, sendo capazes de manifestar solidariedade e ser mais colaborativas com os seus colegas.

Isso nos permite conceber uma “Pedagogia das virtudes”, que considere o desenvolvimento das estruturas cognitivas e dos aspectos afetivos para a construção de personalidades morais.

Entretanto, será que ambientes escolares do Distrito Federal, especialmente na escola pública e, sobretudo, no ensino fundamental, estão contribuindo para que a criança forme seu sistema de valores e se desenvolva moralmente nos moldes do ambiente B da pesquisa supracitada?

Objetivos da Pesquisa

Objetivo Geral

Analisar a construção da solidariedade em estudantes de uma escola pública do DF a partir de dilemas morais.

Objetivos Específicos

- Identificar o julgamento dos estudantes do ensino fundamental à cerca dos dilemas morais que envolvem a solidariedade.
- Observar a manifestação da solidariedade nos estudantes do ensino fundamental a partir do julgamento de dilemas morais.

CAPÍTULO 2

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa tem abordagem de base qualitativa, pois as hipóteses foram feitas por meio da observação da própria realidade do contexto, com o intuito de desenvolver os dilemas morais a partir das vivências das crianças. Logo, as crianças se identificaram com os personagens dos dilemas morais a elas apresentados.

O método utilizado foi o estudo de caso, haja vista que foi coletada uma amostra em particular em uma turma de escola pública do Distrito Federal. O estudo de caso se revelou de tal modo em sua individualidade, e não significa que outras turmas de crianças com as mesmas condições de idade, de gênero e de escolaridade apresentarão os mesmos resultados.

2.1. O Contexto da pesquisa

O estudo foi realizado em uma escola pública localizada na cidade de Planaltina DF, com alunos de uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental. A escola atende cerca de 510 alunos, estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Situa-se na periferia da cidade e atende à comunidade, que segundo o Projeto Político Pedagógico da escola conta com pouca ou nenhuma infraestrutura, carente economicamente, com autoestima baixa, e convívio com o tráfico de drogas, violência e alcoolismo.

2.2. Participantes

Participaram do estudo 20 crianças, das quais 11 meninas e 9 meninos, com idades entre 6 e 7 anos, todas estudantes do primeiro ano do ensino fundamental. Todas as crianças participaram de forma voluntária, com a autorização da direção da escola sob a garantia de sigilo e anonimato da escola e dos participantes.

2.3. Dilemas Morais

O estudo consiste em observar a manifestação da solidariedade nos estudantes a partir do julgamento de dilemas morais. Foram adaptados dois dilemas morais à realidade das crianças, contados a elas como histórias, as quais ao final poderiam decidir pela ação solidária, ou não. Os dilemas foram divididos em duas partes, a primeira delas com o propósito de constatar a ação da criança sobre outra criança, “implicando a afirmação de que as respostas ou não de solidariedade estarão baseadas no princípio do autoconhecimento” (Tognetta, 2003, p.59). A segunda parte destacou a presença de uma autoridade no processo de resolução do dilema, para identificar a ação das crianças com a presença de uma autoridade.

Os dilemas utilizados foram os seguintes:

2.3.1. Dilema de Marcos:

Marcos é um garotinho de seis anos que gosta muito de desenhos. Ele tem muita habilidade e desenha muito bem. Na escola de Marcos haveria um concurso para escolher o desenho mais bonito, feito pelos alunos e o vencedor ganharia um grande prêmio. Ele quis muito participar. No dia do concurso, lá estava Marcos desenhando quando se aproximou dele um garoto de sua idade, desesperado, pois havia esquecido em casa o estojo com os lápis de cor para colorir o desenho. Esse menino também estava participando do concurso e, então, pede a Marcos que lhe empreste os seus lápis de cor. Marcos olha bem para o desenho do menino e nota que ele é muito bonito e que ele pode ganhar o concurso. Marcos queria muito ganhar o concurso. O que você acha que é melhor Marcos fazer?

2.3.2. Dilema de Mariana – Primeira parte:

Mariana é uma garota de seis anos de idade. Na escola em que ela estuda houve um festival de picolé, e como há várias turmas na escola, cada uma tinha direito de tomar o picolé no dia da recreação da sua turma. Aquele era o dia da turma de Mariana tomar o picolé antes de irem para a recreação. Ela estava muito

feliz por isso. Se ela perdesse o dia de tomar o picolé, só na próxima semana ela poderia tomar picolé. Depois da hora do recreio, chegou o momento tão esperado. Quando Mariana sai da fila com o seu picolé na mão, uma garotinha de sua idade a chamou. Ela parecia muito triste, pois no dia que sua turma tomou picolé ela estava doente e não pode tomar. A garotinha então pede para Mariana o seu picolé. O que é melhor Mariana fazer?

2.3.3. Dilema de Mariana – Segunda parte:

Quando Mariana estava com o picolé nas mãos ouviu sua professora, que lembrou: “Mariana, hoje depois de tomarem o picolé a nossa turma irá para a recreação. Você precisa tomar logo o seu picolé”. E agora, o que é melhor Mariana fazer?

2.4. Procedimentos

Inicialmente foram realizadas observações do cotidiano escolar, destacando-se principalmente as relações interpessoais das crianças na sala de aula. A partir dessas observações foram elaborados os dilemas morais, adaptados à realidade vivenciada por aquelas crianças, para que houvesse uma identificação com o contexto do dilema e com os personagens mencionados. Para a realização da pesquisa, a direção da escola nos autorizou e nos direcionou a uma das turmas do primeiro ano.

No dia da coleta dos dados, convidamos 20 crianças, uma por vez, para uma salinha de leitura da escola, a fim de provocar o julgamento das crianças por meio de dilemas morais contados em forma de história e, por fim, as crianças foram provocadas a responder o que os personagens deveriam fazer: serem ou não solidários com os outros.

2.5. Análise dos dados

Para analisar os dados, tomaremos por base as respostas das crianças referentes aos dilemas morais apresentados; buscando, com base nos autores estudados, identificar em que nível do desenvolvimento moral as crianças se

encontram e analisar se as crianças estão mais egocentradas ou mais solidárias e sensibilizadas com o outro.

CAPÍTULO 3

3. COMPREENDENDO A MORAL NAS ESCOLHAS DAS CRIANÇAS

As virtudes de respeito, amizade, tolerância, justiça e solidariedade são de suma importância para o convívio de uma sociedade mais justa. Uma dentre essas virtudes foi escolhida para ser estudada nessa pesquisa, ela tem um caráter especial que nos leva a enxergar o desejo e a necessidade do outro, corroborando com a sensibilização e o gesto de doar-se, essa virtude chama-se solidariedade. Para identificar a solidariedade de um grupo de estudantes, usamos dois dilemas morais adaptados à realidade das crianças, as quais, ao final, poderiam decidir pela ação solidária, ou não.

As crianças participantes da pesquisa estão com idades entre seis e sete anos, logo se espera que estejam no período de transição entre o segundo e o terceiro estágio do desenvolvimento moral, estabelecidos por Piaget (1994). No segundo estágio, a criança é mais egocêntrica, e não é capaz de pensar em mais de uma possibilidade para resolver seus conflitos, o que caracteriza a heteronomia. Exponhamos que é objetivo dos educadores que as crianças façam a transição da heteronomia para a autonomia. Na autonomia, simbólica do terceiro estágio, as crianças conseguem coordenar os pontos de vista e constatar diferentes pontos de vista para coordená-los com os seus.

Nesse sentido enfatizamos que as crianças que se encontram no segundo estágio e não conseguem enxergar a situação e o ponto de vista do outro, diferente das crianças que já superaram esse estágio e se encontram no terceiro, sendo capazes de se sensibilizarem com outras situações que não a envolvem.

3.1. O que nos mostra o dilema de Marcos?

O primeiro dilema que apresentamos às crianças conta a história de um personagem que adorava desenhar, e o fazia muito bem. Certo dia houve em sua escola um concurso de desenhos no qual ele estava participando, concorrendo a

um grande prêmio. No dia do concurso, um participante esqueceu o estojo com os lápis de cores em casa e pediu emprestado ao garoto. “O que seria melhor fazer?” foi a pergunta que fizemos às crianças.

A análise das respostas revelou que as crianças, na sua maioria, demonstraram ser mais sensíveis ao outro, portanto mais solidárias.

Entre as crianças que não estão dispostas à solidariedade percebemos que a competição é que está mais forte em seu julgamento, bem acima da ação de ser solidário; tanto, que a razão utilizada pela maioria é o risco que correm do outro ganhar a competição e eles perderem.

Das 20 crianças pesquisadas, 13 se mostraram favoráveis ao empréstimo do lápis de cor e sensíveis a enxergar o desejo do outro: Emprestar, porque o menino quer pintar. Dentre os que se revelaram solidários, havia aqueles que, mesmo correndo o risco de não ganharem a competição, optavam por emprestar, como pode ser visto na fala deles: Emprestar, não tem problema o outro ganhar o concurso! Enfatizamos que as crianças revelaram uma pré-disposição para olhar o outro e ser mais solidário; nesse sentido, podemos supor que a solidariedade já está em construção nessas crianças.

Por outro lado, 06 crianças se revelaram egocêntricas e disseram que não emprestariam, o motivo pode ser percebido na seguinte fala: porque o outro menino poderia ganhar. Isso nos revela que o bem a si próprio está acima da solidariedade, pois a questão não se resume ao não emprestar simplesmente; há a concepção de não emprestar para que o outro não ganhe e ele perca a competição, haja vista que ele também quer ganhar, assim como pode ser detectado na seguinte argumentação: Não emprestaria, porque Marcos queria ganhar o concurso.

Por fim, uma das crianças demonstrou ter ausência total de solidariedade, respondendo apenas que: Ele não deve emprestar. Na tentativa de compreender as razões que a levaram a optar por não emprestar o material, foram feitas algumas outras perguntas, por exemplo, “Por que você acha que ele não deveria emprestar?”. Entretanto, a criança não soube responder por que não emprestaria.

Neste caso específico, conjecturamos que esta criança se encontra em um estágio do desenvolvimento pelo qual não consegue articular as ideias, muitas vezes por serem ainda muito abstratas, acabando por se tornar muito egocêntricas, por conseguirem expressar apenas aquilo que se refere a elas mesmas, não conseguindo, por sua vez, se colocar no lugar do outro

O que nos aponta o dilema de Mariana?

O segundo dilema apresentado às crianças foi o dilema de uma garotinha que ao pegar o seu picolé, distribuído na escola em um festival de picolé, é abordada por outra menina. A segunda menina pede o picolé para a primeira e alega que não havia tomado, pois no seu dia de tomá-lo estava doente e não pode. Perguntamos para os entrevistados: “O que seria melhor fazer?”. Destacamos a segunda parte aonde a professora se aproxima no exato momento em que as personagens estão conversando. A professora, então, diz à primeira menina, Mariana, que ela deve tomar logo o picolé para em seguida ir para a recreação. A partir desse fato perguntamos o que seria melhor que o personagem fizesse.

A fim de analisarmos as respostas, preferimos dividir o dilema de Mariana em duas partes, a primeira delas é semelhante ao dilema anterior, onde a ação da criança é sobre outra criança; e, a segunda parte aquela com a presença de uma autoridade, podendo interferir ou não na ação da criança. Optamos por essa divisão por considerarmos, segundo Kohlberg (1992), que a presença de uma autoridade condiciona a ação da criança, podendo ser favorável ou não à solidariedade.

A primeira parte do dilema questionava às crianças sobre o que Mariana deveria fazer: dar ou não o seu picolé para uma garotinha que tinha mesma idade e que não havia tomado o picolé na sua vez porque estava doente. O resultado das respostas obtidas no dilema de Mariana foi muito parecido com o resultado que obtivemos com o dilema de Marcos. A maioria das crianças se mostrou solidária à garotinha. Das 20 crianças envolvidas na pesquisa, 12 crianças responderam que Mariana deveria dar o picolé para a garotinha. A razão é bem exemplificada na fala de uma das crianças: porque a menina já melhorou.

Em contrapartida à ação solidária também obtivemos respostas contrárias, por exemplo: Não dar, porque se não ela vai ficar sem o picolé.

Constatamos que para as 08 crianças que responderam negativamente ao pedido da garotinha, a solidariedade fere um desejo próprio, que é o de tomar o picolé. Essas crianças demonstram que o desejo próprio é mais importante do que ser solidário ao outro. Nesse sentido, enfatizamos que segundo Piaget (1994) nessa idade as crianças são egocêntricas, ou seja, consideram muito os seus desejos e não costumam se colocar no lugar do outro.

Na segunda etapa do dilema de Mariana procuramos observar mudanças de atitude nas crianças que haviam optado pela solidariedade. Nesse sentido, para identificar suas ações com a presença de uma autoridade, retornamos às 12 crianças que demonstraram solidariedade. Das crianças que inicialmente responderam que dariam o picolé para a garotinha que havia pedido, 05 continuaram com o mesmo posicionamento de dar o picolé. Isso demonstra que essas crianças estão mais avançadas na direção do social e do coletivo, porque mesmo com a presença de uma figura de autoridade, elas excluem todo elemento de submissão que esta pressupõe e se identificam mais com a menina concedendo o picolé.

Conjecturamos que o que leva a criança a tomar a decisão é o outro e não a obediência à autoridade, este fato é um indício favorável de que a criança está em um processo de desenvolvimento moral, onde ela se sente livre para se posicionar favorável ou não, independente da presença da professora.

Por outro lado, 07 crianças responderam de forma contrária, considerando a presença da professora como autoridade. Essas crianças, por mais que já estejam se abrindo para enxergar o desejo do outro, estão presas à figura da autoridade. Para elas a orientação da professora, de tomar logo o picolé para em seguida irem à recreação, é inviolável e vale mais que a adesão à solidariedade. Em apenas um dos casos o motivo é diferente.

A obediência à professora não é decisiva na ação da criança, ela considera a punição como fator determinante, como pode ser observado em sua fala: *Vish! Eu acho que não é melhor a Mariana dar o picolé, porque se não a tia vai brigar com ela.* Nesse caso fica claro o medo da punição que a professora, chamada de tia, pode dar caso a ordem seja descumprida. Kohlberg (1971) destaca que no primeiro nível do desenvolvimento moral a criança é atenta às regras culturais e aos rótulos de certo e errado, mas as interpreta na base das

consequências físico-hedonísticas da ação, e a punição é umas dessas consequências.

Entrelaçando informações

Os resultados sugerem indícios de que na mesma turma as crianças estão em fases diferentes do desenvolvimento moral, ou seja, há crianças presas à figura do professor como autoridade e há crianças que já estão se abrindo para o outro. O convívio com crianças em estágios diferentes é interessante, considerando a riqueza existente na promoção do desenvolvimento.

Consideramos que, apoiadas por Piaget, conviver com crianças em níveis de desenvolvimento diferentes, estando estas um pouco à frente do desenvolvimento da outra, pode impulsionar o desenvolvimento destas; entretanto, se forem pessoas que estão muito à frente, como os adultos, a criança não consegue dar esse salto porque ela precisa seguir um processo gradativo.

Desse modo, a professora pode promover atividades que contribuam para um ambiente que ocasiona o desenvolvimento moral das crianças. A convivência em um ambiente que contribui para este desenvolvimento é de suma importância ao crescimento da criança e mesmo da formação da sociedade, haja vista que promove aos sujeitos constantes reflexões acerca de suas próprias ações, seja no momento da tomada de decisão, ou mesmo em atitudes futuras, considerando que ela terá em mente o exemplo de seu coleguinha, de seu professor, enfim, de outrem, podendo modificar suas ações em prol da solidariedade.

Nesse sentido, enfatizamos que o fato de haver crianças convivendo no mesmo espaço social e físico com estágios de desenvolvimento moral diferentes contribui para que uma atue indiretamente no desenvolvimento da outra, haja vista que algumas crianças ainda presas à figura de autoridade, começam a direcionar o olhar para o outro.

Percebemos, a partir da análise das respostas das crianças expressando suas posições frente aos dilemas morais, que existe um caminho já sensibilizado que chama atenção à responsabilidade da escola e dos educadores a fim de continuar promovendo e fomentando o debate e atividades que estimulem as crianças em seu desenvolvimento moral; contribuindo para que eles se coloquem no lugar do outro e se doem ao outro, haja vista que isso pode ajudar a se tornarem adultos mais solidários, corroborando com uma sociedade mais justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa apontam que algumas crianças expressam, em suas posições frente aos dilemas morais, sensibilização para o outro, ainda que mais próximo: um colega. A criança já consegue enxergar o outro além de enxergar a si mesma, revelando a capacidade que elas têm de se colocarem no lugar do outro, abrindo mão dos seus próprios desejos para fazerem a vontade do outro. Isso sugere que já estão mais avançadas em seu desenvolvimento moral, construindo a empatia, apesar da pouca idade e de a escola não possuir projetos específicos para essa finalidade.

Por sua vez, existem, no mesmo ambiente de sala de aula, as crianças que ainda estão em um nível anterior, egocêntrico e julgam e, possivelmente, agem sem considerar o outro. Algumas delas, por respeito à autoridade, já se abrem a esse outro. É perceptível a presença da competição e da obediência à autoridade acima das ações solidárias nas razões apresentadas pelas crianças que não foram sensíveis à solidariedade.

Ao decidirem por não realizarem a ação solidária, os resultados apontam uma pré-disposição das crianças para a competição. Essedado é importante para alertar a professora da turma e a toda escola a refletir sobre os estímulos à competição que podem estar promovendo, ou mesmo por omissão, deixando que se fortaleçam.

Nos dias atuais são perceptíveis as incitações à competição que ocorrem diariamente em muitos ambientes sociais, como em empresas, famílias, entre outros. A escola como formadora de cidadãos não deve fortalecer esse sistema competitivo, mas sim orientar, provocar desafios e criar oportunidades para que as crianças possam exercitar solidariedade, colaboração, empatia, de modo que estas possam se desenvolver moralmente e se tornarem adultos mais éticos e solidários, capazes de atuar para um mundo justo.

Com base em Piaget e Kohlberg (apud Duska & Whelan, 1994) para acontecer o desenvolvimento moral e as crianças serem capazes de atingir níveis mais avançados, autônomos e éticos, é necessário estímulo, mediação, provocação da instituição educacional. Nesse sentido, consideramos que a escola

estaria cumprindo seu papel social na formação dessas crianças. Essa seria uma alternativa para a educação moral nas escolas.

As crianças poderão aprender dentro da escola a serem mais solidárias, se houver o incentivo e o estímulo por parte da professora e dos demais integrantes do espaço escolar. As atividades de colaboração, cooperação e solidariedade podem favorecer a reflexão da criança e a sensibilização para com o outro. Essas atividades podem promover nos alunos mais competitivos um pensamento contrário ao identificarem que colaborar e interagir com o outro é mais importante do que ganhar uma competição.

Podemos considerar o importante papel que o professor exerce sobre a construção da formação moral dos seus alunos, visto que a obediência à autoridade foi importante para algumas crianças responderem por continuar com a ação solidária ou obedecer à ordem dada pela professora. É notório que a criança está propícia a ser solidária ao perceber o quanto a professora tem ações solidárias e cooperativas, valorizando a solidariedade.

Nesse sentido, Kohlberg (1996) enfatiza que o educador deve ser consciente que a sua ação sempre implica em questões de valores. Nesse sentido, devem estar atentos aos seus próprios valores e ao seu papel social, para evitar transmitir aos alunos apenas valores competitivos.

Defendemos que a atuação do educador deve ser considerada não apenas em relação a aulas específicas de educação moral, assunto polêmico e controverso. Consideramos que a formação moral e de valores deve ser transversal, presente em todos os espaços formativos, sejam eles curriculares ou não. Acreditamos, assim, na possibilidade de construção de um mundo mais justo e solidário.

REFERÊNCIAS

- BARROS, R. P; HENRIQUES, R. & MENDONÇA, R. Desigualdade e pobreza no Brasil: Retrato de uma estabilidade inaceitável. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 15 (42), 123-142, fevereiro/2000.
- BEE, Helen. **A criança em Desenvolvimento**. 3 ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984.
- DUSKA, R. & WHELAN, M. **O Desenvolvimento Moral Na Idade Evolutiva. Um guia a Piaget e Kohlberg**. São Paulo: Loyola, 1994.
- KOHLBERG, L. "Moral Education in the Schools: A Development View". **The School Review**, 1966, 74, 1-30, p. 3 e 14.
- _____. **Psicología del desarrollo moral**. Bilbao Spain: Desclée de Brouwer. 1992
- PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- SCHWARTZ, S. Valores humanos básicos: seu contexto e estrutura intelectual. In TAMAYO, A.; PORTO, J. (orgs.). **Valores e comportamento nas organizações**. Petrópolis: vozes, 2005.
- TOGNETTA, L.R.P.; ASSIS, O.Z.M. A construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.1, p. 49-66, jan./abr. 2006.

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Retocando o sonho.

“Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender”.

Paulo Freire

Posso dizer que hoje já vivo a realização de um grande sonho. Estar na etapa final do curso de Pedagogia é uma grande satisfação. Durante essa caminhada pude vivenciar experiências incríveis que acrescentaram bastante à minha vida acadêmica, à minha vida pessoal e à minha vida profissional. O que eu desejo para o futuro é continuar a ter experiências e vivências que gerem aprendizado.

Tenho a intenção de dar continuidade a essa pesquisa, em um mestrado, para prosseguir buscando e compreendendo a questão do ensino de valores e a sua influência na vida dos alunos. E colocar em prática, nas salas de aula, todo o conhecimento adquirido durante a realização da pesquisa.

Pretendo também estudar para o concurso da Secretaria de Educação. Tenho o desejo de lecionar nas séries iniciais do Ensino Fundamental ou na educação infantil. Pretendo ser muito além de mais uma professora, meu desejo é que meus alunos se lembrem de mim quando estiverem concluindo seus cursos de formação e escrevendo seus memoriais. Como Paulo Freire diz, a educação transforma. Quero ser essa educadora que auxiliará na transformação de muitas realidades.

Apêndice 1

Dilema de Marcos:

Marcos é um garotinho de seis anos que gosta muito de desenhos. Ele tem muita habilidade e desenha muito bem. Na escola de Marcos, haveria um concurso para escolher o desenho mais bonito, feito pelos alunos e, o vencedor ganharia um grande prêmio. Ele quis muito participar. No dia do concurso, lá estava Marcos desenhando, quando se aproximou dele um garoto de sua idade, desesperado, pois havia esquecido em casa o estojo com os lápis de cor para colorir o desenho. Esse menino também estava participando do concurso e, então, pede a Marcos que lhe empreste os seus lápis de cor. Marcos olha bem para o desenho do menino e nota que ele é muito bonito e que ele pode ganhar o concurso. Marcos queria muito ganhar o concurso. O que você acha que é melhor Marcos fazer?

Respostas das crianças ao Dilema de Marcos:

Criança 01: Emprestar, não tem problema o outro ganhar o concurso!

Criança 02: Marcos tem que fazer um desenho bem bonito e emprestar o lápis.

Criança 03: Emprestaria.

Criança 04: Deve emprestar, porque o outro não tem.

Criança 05: Emprestar porque ele esqueceu.

Criança 06: Tem que emprestar, para o menino também usar.

Criança 07: Emprestar, porque ele tem que ser boa gente.

Criança 08: Emprestar por que tem que ser bom com as pessoas.

Criança 09: Deve emprestar porque ele pode magoar os outros.

Criança 10: Emprestar, porque tem que emprestar o lápis de cor para os coleguinhas.

Criança 11: Emprestar porque o menino quer pintar.

Criança 12: Emprestar porque ele esqueceu o lápis de cor em casa.

Criança 13: Emprestar, porque todos tem que emprestar as coisas com os outros e tem que dividir as coisas.

Criança 14: Não emprestaria se não, não ia ganhar o concurso.

Criança 15: Não empresta, pra não perder.

Criança 16: Não emprestar, porque o outro menino pode ganhar.

Criança 17: Não emprestar, para o menino não ganhar.

Criança 18: Não emprestar, porque se não além dele não ganhar, o menino ganha.

Criança 19: Não emprestar, porque ele quer ganhar.

Criança 20: Não emprestar.

Apêndice 2

Dilema de Mariana – Primeira parte:

Mariana é uma garota de seis anos de idade. Na escola em que ela estuda houve um festival de picolé, e como há várias turmas na escola, cada uma tinha direito de tomar o picolé no dia da recreação da sua turma. Aquele era o dia da turma de Mariana tomar o picolé antes de irem para a recreação. Ela estava muito feliz por isso. Se ela perdesse o dia de tomar o picolé, só na próxima semana ela poderia tomar picolé. Depois da hora do recreio, chegou o momento tão esperado. Quando Mariana sai da fila com o seu picolé na mão, uma garotinha de sua idade a chamou. Ela parecia muito triste, pois no dia que sua turma tomou picolé ela estava doente e não pode tomar. A garotinha então pede para Mariana o seu picolé. O que é melhor Mariana fazer?

Respostas das crianças ao dilema de Mariana- primeira parte:

Criança 01: Dar o picolé porque ela não estava mais doente.

Criança 02: Dar o picolé porque a menina já melhorou.

Criança 03: Dar o picolé porque ela estava querendo.

Criança 04: Dar o picolé.

Criança 05: Dar pra ela.

Criança 06: Dar o picolé pra ela porque ela não tomou.

Criança 07: Dar o picolé porque devemos dividir as coisas.

Criança 08: Dar o picolé.

Criança 09: Dar o picolé.

Criança 10: Dar o picolé porque ela não está mais doente.

Criança 11: Dar um pedaço.

Criança 12: Se ela 'tava' doente é pra dar o picolé pra ela.

Criança 13: Não dar porque é da Mariana chupar.

Criança 14: Não dar o picolé, porque é pra Mariana chupar.

Criança 15: Não dar o picolé.

Criança 16: Não dar.

Criança 17: Não dar porque Mariana quer o picolé.

Criança 18: Não dar, porque ela 'tava' querendo.

Criança 19: Não dar porque ela tinha que pedir por favor.

Criança 20: Não dar porque é dela o picolé.

Dilema de Mariana – Segunda parte:

Quando Mariana estava com o picolé nas mãos ouviu sua professora, que lembrou: “Mariana, hoje depois de tomarem o picolé a nossa turma irá para a recreação. Você precisa tomar logo o seu picolé”. E agora, o que é melhor Mariana fazer?

Respostas das crianças ao dilema de Mariana- segunda parte:

Criança 01: Tomar o picolé porque a professora chamou.

Criança 02: Dá pra menina e vai logo.

Criança 03: Dá para menina e vai para recreação.

Criança 04: Vish! Eu acho que não é melhor a Mariana dar o picolé, porque se não a tia vai brigar com ela.

Criança 05: É... Comer o picolé porque a professora mandou.

Criança 06: Dar o picolé e vai.

Criança 07: Tomar logo o picolé pra recreação porque se ela não tomar o picolé ela não vai para a recreação.

Criança 08: Tomar o picolé porque a professora falou.

Criança 09: Tomar o picolé.

Criança 10: Dar o picolé e depois ir para recreação.

Criança 11: Dar tudo pra ela e ir para recreação.

Criança 12: Ah, agora é melhor ela comer. Porque a professora mandou ela comer logo pra depois ir pro recreio.

Criança 13: Tomar rápido.

Criança 14: Tomar logo o picolé

Criança 15: Tomar o picolé, se não ela não vai tomar no outro dia.

Criança 16: Tomar o picolé.

Criança 17: Tomar o picolé e ir.

Criança 18: Tomar o picolé.

Criança 19: Tomar.

Criança 20: Tomar logo o picolé.

ANEXO 1 - Carta de Apresentação Apresentada na Escola



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

Carta de apresentação para Concessão de Pesquisa de Campo

Prezado (a) Diretor (a),

Venho por meio desta, apresentar-lhe a estudante Yara Rodrigues Carvalho dos Santos - matrícula n.º _____, portador do R.G. _____, residente à _____, fone _____, regularmente matriculada na Universidade de Brasília.

Solicitamos a concessão durante o período de _____ dias, para a realização da pesquisa de campo, onde serão realizadas observações na sala de aula e entrevista com crianças, necessária para o desenvolvimento do seu projeto de pesquisa que tem como título: Solidariedade entre estudantes de ensino fundamental a partir de dilemas morais sob a orientação da Professora _____ - matrícula n.º _____. A pesquisa tem por objetivo geral analisar a construção da solidariedade em estudantes de uma escola pública do DF a partir de dilemas morais. Esta será apresentada na referida instituição de ensino superior como Trabalho de Conclusão de Curso, estabelecida como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Colocamo-nos à disposição de V. S^a. Para prestar quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente

Brasília, ____ de _____ de _____.

Modelo disponível em: <http://www.slideshare.net/matematico10lula/carta-de-apresentao-para-pesquisa-de-campo>. Acesso em 18 de Novembro de 2015.
Editado/Modificado.

ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos a sua escola para participar da Pesquisa Solidariedade entre estudantes de ensino fundamental a partir de dilemas morais, sob a responsabilidade do pesquisador Yara Rodrigues Carvalho dos Santos, a qual pretende analisar a construção da solidariedade em estudantes de uma escola pública do DF a partir de dilemas morais. Sua participação é voluntária e se dará por meio da participação em uma entrevista. Não existem riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a coleta de dados acerca da construção da solidariedade para a construção de um Trabalho de Conclusão de Curso. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço _____, pelo telefone () _____.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a

explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ____/ ____/ ____

Assinatura do participante:

Assinatura do Pesquisador Responsável:

Modelo Disponível em: <http://www.cep.ufam.edu.br/index.php/tcle>. Acesso em: Novembro/2015. Editado/Modificado